

O DISCURSO DAS REVISTAS SEMANAIS BRASILEIRAS SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Patrícia C. Santos – UFRRJ

Taianne B.Pereira – UFRRJ

Agência(s) Financiadora(s): FAPERJ/ CNPq

Nesse trabalho buscamos identificar e refletir sobre o que as revistas semanais *Veja*, *Isto É* e *Época*, entendem por Educação de Jovens e Adultos – EJA, no período de 1995 a 2010. A pesquisa se justifica, pois muitos estudos (ANDI/MEC, 2005; MARTINS, 2005) afirmam o papel social da mídia como formadora de opinião, como polemizadora ou como instrumento que possibilita o debate na sociedade. Além disso, muitas informações veiculadas em algum tipo de meio de comunicação auxiliam na construção de determinadas percepções e conceitos, inclusive sobre a educação.

No período pesquisado as revistas publicaram apenas 15 matérias sobre o tema assim distribuídas: a *Veja* publicou apenas um artigo em 1998; a *Isto É* publicou 13, sendo dois em 1997, um em 1998, dois em 1999, um em 2000, um em 2001, um em 2004, dois em 2005, um 2007, um 2008, um 2009; e a *Época* também apenas um em 1999.

Fizemos uma leitura e análise de cada matéria, com vistas a realizar um mapeamento das temáticas abordadas. Como se pode perceber no quadro abaixo, o analfabetismo é a temática mais tratada pelas revistas.

Revista	Analfabetismo	Ensino Supletivo à distância	Educação Penitenciária	EJA e Inclusão digital (EJA Digital)	Políticas Socioeducativas	Total
<i>Veja</i>	1	-	-	-	-	1
<i>Isto É</i>	7	2	2	1	1	13
<i>Época</i>	1	-	-	-	-	1
Total	9	2	2	1	1	15

As matérias foram também classificadas no que tange aos enfoques (FISCHMAN & HASS, 2011), se administrativo (como se melhora ou resolve problemas), político (qual o objetivo ou propósito da EJA) ou pedagógico (discute propostas metodológicas). Encontramos que, de um modo geral, as revistas priorizam os enfoques administrativo e político com oito e seis matérias respectivamente, enquanto o aspecto pedagógico praticamente não recebe atenção, com apenas uma.

A seguir apresentamos as análises feitas sobre as matérias organizadas a partir das temáticas já apresentadas. Buscamos apresentar as lógicas argumentativas e identificar as principais tensões presentes nos discursos das revistas.

Perspectivas sobre o analfabetismo

Na única reportagem da revista *Veja*, edição 1541 (08/04/1998) intitulada “A solidão de não saber ler”, o foco é idéia de EJA voltada para os analfabetos que não continuaram os estudos por diversos motivos e seus supostos preconceitos diante da “condição” de não saber ler ou escrever. Sem problematizar que os analfabetos acabam por reproduzir os preconceitos existentes na sociedade (GALVÃO & DI PIERRO, 2007), a matéria reproduz o discurso de um padre nordestino morador de São Paulo e “escrevedor de cartas” sobre como ele percebe a visão que os analfabetos têm de si próprios: “O analfabeto é visto, por eles mesmos, como um cego que tem de ser guiado, acompanhado” (Veja, 1998, p.87).

Percebemos que aparece com muita força a ideia da educação como rendidora (FISCHMAN & SALES, 2010), ou seja, como capaz de resolver todos os problemas quase em um passe de mágica.

A revista *Isto É*, por sua vez, também utiliza a estratégia de apresentar casos de superação individual, mas também cobre os programas de alfabetização do governo. Em duas matérias o foco é o Programa Alfabetização Solidária que era então dirigido pela primeira dama Ruth Cardoso: “O Mobral da dona Ruth” edição 1443 (28/05/1997) e “A lição do fim do mundo” edição 1502 (15/07/1998).

A proposta apresentada pelo governo FHC era a de não cometer os mesmos erros do MOBREAL. Seu governo prometia aumentar gradativamente a expansão do projeto, com “descentralização, autonomia de execução e parceria entre governo e sociedade, afirma Ruth Cardoso” (ISTO É, 1997, p.44). Entretanto, observamos que o projeto parece permitir ao Estado que o mesmo não se responsabilize pela EJA (nesse caso), visto que empresas privadas possuíam cerca de 50% de participação em alguns, ainda serve de instrumento para a captação de recursos privados e gestão financeira do Programa, mas não delibera sobre os planos estratégicos e pedagógicos (DI PIERRO, 2001).

Na matéria “ABC no Congresso”, (edição 1607 de 19/07/2000), vimos novamente a opressão que os indivíduos analfabetos sofrem na sociedade letrada. A matéria conta a

história do cotidiano de funcionários do Congresso Nacional, como por exemplo, o Sr. Osterno que apesar de trabalhar na biblioteca do Congresso não sabe ler e escrever. Mais uma vez aparece a imagem do analfabeto como extremamente negativa e estereotipada, mas também como uma pessoa que se supera.

Diferente das revistas Isto É e da Veja, a revista Época começou a ser editada no ano de 1998. No período de 12 anos observados, apenas uma reportagem é relacionada à EJA. Trata-se de uma matéria publicada na edição 46 (05/04/1999), intitulada “O Brasil que não se vê” enfoca a cidade brasileira campeã em analfabetismo, a pequena Pauini no interior do Amazonas. Destaca-se que através do programa de alfabetização, foi possível identificar um sério problema de visão causado por um parasita que atingia parte da população. A matéria trata da educação, mas em segundo plano. A única reportagem de EJA em 12 anos de publicação foi classificada pela revista como Ciência e Tecnologia na subseção saúde.

Nessa reportagem a iniciativa privada também se faz presente, seguindo a forte tendência das revistas de informar e enaltecer a participação de empresas privadas em programas de alfabetização. Nesse caso, a parceira estabelecida na cidade a revista informa que a empresa Volkswagen “paga R\$ 17 por mês por aluno” (ÉPOCA, 1999, p. 65).

Ensino à distância

O foco da reportagem “Longe do mestre” edição 1434 (26/03/1997) é o ensino a distância na cidade de São Paulo que é apresentado como uma alternativa para milhares de pessoas. Destaca-se que os discentes e docentes da EJA sofrem com a heterogeneidade, juvenilização das turmas, a falta de materiais específicos e em alguns casos a baixa autoestima do alunado e a rigidez institucional, em contrapartida a EJA a distância é vista como uma alternativa facilitadora para os alfabetizandos que trabalham e o fato de ser à distância, é visto justamente como uma alternativa de atrair os educandos.

A matéria propõe medidas alternativas para alguns problemas que cercam a EJA, como por exemplo, o Telecurso 2000 oferecido pela Fundação Roberto Marinho e pela Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) que conta com mais de 100 mil alunos em suas telessalas.

Educação para sujeitos privados de liberdade

Uma breve reportagem publicada na edição 2013 (04/06/2008), denominada “Bons alunos atrás das grades” traz estatísticas comparando o rendimento dos alunos da EJA que cumprem pena em prisões e os que estudam em liberdade no estado de São Paulo. O objetivo era mostrar os índices de rendimento dos alunos.

Segundo a avaliação realizada os alunos presidiários tiveram rendimento superior dos alunos que cursam a EJA em liberdade. “As médias não indicam que os alunos tradicionais são ruins, mas sim que há um potencial maior de dedicação dos presos”, diz a diretora técnica da Secretaria de Estado de Educação, Elisabete Lunetta” (ISTO É, 2008, p. 22).

Medidas sócio educativas

Na edição 1573 (24/11/1999), na matéria intitulada “Além das muralhas”, observamos que o principal objetivo são os projetos que visam a reeducação de jovens infratores em todo o Estado brasileiro. O texto mostra um modelo de projeto bem-sucedido no Distrito Federal que beneficiava 20 jovens no Projeto Vida Nova, o qual dava oportunidade aos jovens infratores com condições de trabalho em uma das unidades da Defensoria Pública de Brasília, ao invés de cumprir sua pena isolado numa dessas instituições que dificilmente alcançam o objetivo de reeducar esses adolescentes. Em contrapartida instituições como Febem (Fundação do Bem-Estar do Menor) um modelo falido com rebeliões e que em muitos casos se transformaram em verdadeiras escolas do crime.

EJA digital

A Revista Isto É, edição 1859 (01/06/2005), destaca “Lição digital”, como uma nova proposta metodológica de apoio a EJA, chamada EJA digital que busca alternativas e melhorias na didática de escolarização de jovens e adultos do ensino fundamental e a qualificação de profissionais para que possam ensinar esse público.

Com isso podemos notar que o enfoque da reportagem, diferente de todas as outras matérias é pedagógico, tendo em vista que, a busca de melhores didáticas de ensino, recursos alternativos para atrair a atenção do jovem ou adulto no processo de alfabetização.

Conclusão

Em nosso trabalho de pesquisa e análise das reportagens de EJA nas revistas Veja, Isto É e Época, ficou constatada a quase invisibilidade dessa modalidade de ensino, Dentro desse

contexto o tema do analfabetismo recebeu maior atenção das revistas, que priorizam um enfoque mais administrativo que político ou pedagógico em suas abordagens. Um outro dado relevante é a ênfase dada nos programas desenvolvidos em parceria entre o estado e a sociedade civil, mas sobretudo o destaque dado a presença de empresas nos programas de EJA retratados.

Concluimos concordando com Fischman e Sales (2012, p.7), que apoiados em Herman & Chomsky, (1988) e Mcchesney (1999) afirmam que “Além da mera compreensão, empresas de mídias também parecem manter suas seções de notícias e artigos de pesquisa estritamente dentro dos limites do entendimento e da tolerância pública a fim de manter grandes circulações e altos lucros de propaganda”. Em outras palavras, a EJA e seus sujeitos não parecem merecer a atenção dos leitores ou dos anunciantes dessas revistas, que em última instância influenciam os temas a serem pautados por elas.

Referências Bibliográficas:

ABDALA, Isabela. ABC no congresso. Revista Isto É. São Paulo, ed. 1607, p.44-45, jul/2000.

ANDI/MEC. A Educação na imprensa brasileira. Brasília, 2005.

DI PIERRO, Maria Clara. Descentralização, focalização e parceria: uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de jovens e adultos. *Educ. Pesqui.* [online]. 2001, vol.27, n.2, pp. 321-337.

FISCHMAN, Gustavo E; HASS, Eric M. Nostalgia, empreendedorismo y redención: modelos discursivos sobre la universidad. *Revista Iberoamericana de Educación Superior* v. 11 n. 03. 2011

FISCHMAN, Gustavo E.; SALES, Sandra R. Formação de professores e pedagogias críticas. É possível ir além das narrativas redentoras? *Revista Brasileira de Educação* v. 15 n. 43 jan./abr 2010.

FISCHMAN, Gustavo E; SALES, Sandra R. O que é a educação de jovens e adultos para os de dentro e os de fora? uma análise dos protótipos de “educação”, “jovens” e “adultos” nas revistas *Veja* e *Isto É*. 35ª Reunião Anual da ANPEd, 2012.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. *Preconceito contra o analfabeto*. São Paulo: Cortez, 2007.

HARAZIM, Dorrit. A solidão de não saber ler. *Revista Veja*. São Paulo, ed. 1541, p. 86-89, abr/1998.

HERMAN, E. & Chomsky, N. *Manufacturing consent: The political economy of the mass media*. New York: Pantheon Books. 1988.

HOLANDA, Eduardo. O mobral de dona Ruth. *Revista Isto É*. São Paulo, ed. 1443, p.44-45, mai/1997.

NASCIMENTO, Gilberto. Além das muralhas. *Revista Isto É*. São Paulo, ed. 1573, p. 116-118, nov/1999.

NASCIMENTO, Gilberto. Lição digital. *Revista Isto É*. São Paulo, ed. 1859, p. 63, jun/2005.

MARTINS, A. R. N. Racismo e imprensa argumentação no discurso sobre as cotas para negros nas universidades In: SANTOS, Sales A. *Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. (Coleção Educação para todos), 2005, p. 179-207.

MCCHESENEY, R. *Rich media, poor democracy: Communication politics in dubious times*. New York: The New Press. 1999.

MELLO, Tatiane. Bons alunos atrás das grades. *Revista Isto É*. São Paulo, ed. 2013, p. 22, jun/2008.

MORAES, Rita. Longe do mestre. *Revista Isto É*, São Paulo. ed. 1434, p. 47, mar/1997.

SEGATTO, Cristiane, O Brasil que não se vê. *Revista Época*. São Paulo, ed. 46, p.64-65, abr/1999.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação é um direito*. Brasil, 4ª edição, Editora UFRJ, 2009.